

arremettem com as castingas que a envolvem os encourados
athleticos.

Ô quadro tem a movimentação selvagem e assombrosa de
uma corrida de tartaros.

circumstante H Desapparecem em minutos os sortanejos, perdendo-se no
mattagal ferrado. O rodeio permanece por algum tempo de-
serto . . .

De repente estruge ao lado um estridulo tropel de cascos
sobre pedras, um estrepito de galbos estalando, um estalar de
chifres embatendo; tufa nos ares, em novellos, uma nuvem de
pó; rompe, a subitas, na clareira, embolada, uma ponta de
gado; e, logo após, sobre o cavallo que estaca esbarrado, o
vaqueiro, teso nos estribos . . .

na castinga H Traz apenas exigua parte do rebanho. Entrega-a aos com-
panheiros que alli ficam, *de esteira*; e volve em galepe desaba-
lado, renovando a pesquisa. Enquanto outros repontam além,
mais outras, successivamente, por toda a banda, por todo o
ambito do rodeio, que se anima, e tumultua em disparadas; *de H*
bois as marradas ou escarvando o chão, cavallos curveteando,
confundidos e embaralhados sobre os plainos vibrantes num
prolongado rumor de terremoto. Aos lados, na castinga, os
menos felizes se agitam ás voltas com os marruais recalci-
trantes. Ô touro largado ou o garrote vadio em geral refoge a
revista. Afunda *nas galhadas*. Segue-o o vaqueiro. Cose-se-lhe
no rastro. Vai com elle as ultimas bibocas. Não o larga; até que
surja' o ensejo para um acto decisivo: alcançar repentinamente
o fugitivo, de arranco; cahir logo para o lado da sella, sus-
penso num estribo e uma das mãos presa ás crinas do cavallo;
agarrar com a outra a cauda do boi em disparada e com um
repellido fortissimo, de banda, derribal-o pesadamente em
terra . . . Fõe-lhe depois a peia ou a mascara de couro, levando-o
jugulado ou vendado para o redeador.

Alli o recebem ruidosamente os companheiros. Conta-lhes

A poesia de “Os sertões”

GUILHERME DE ALMEIDA

Peregrino de primeira romagem, com a natural timidez do devoto novato, neste ano trigésimo sétimo da póstuma euclidiana, venho trazer o meu “ex-voto” singelo, mas convicto, a esta Meca espiritual.

Humilde oferenda, a minha, que, por si e para mim, tem apenas um valor: ser breve e ser minha.

Num dos mais propalados contos da propalada literatura francesa do século XIX, narra Anatole o caso insinuante de um inocente pelotiqueiro surpreendido, ante o altar da Virgem, a executar um jogo esperto, difícil e brilhante das suas mais elásticas e preciosas habilidades. Era a sua maneira – toda sua e só sua – de render à Senhora Puríssima o seu culto simplório, mas legítimo. E, doirada e azul, do seu nicho místico a Mãe Divina sorriu aos esgares prestímanos do “Jongleur de Notre Dame”...

Publicado no *Diário de S. Paulo*. Texto cedido pela Casa Guilherme de Almeida – Rua Macapá, 187 – Perdizes – CEP 01251-080 – São Paulo – SP.
Guilherme de Almeida (1890-1969), poeta, jornalista e crítico, é autor de obras de poesia, ensaios e crônicas, como *Nós* (1917), *A dança das horas* (1919), *Meu e Raça* (1925), e tradutor de Baudelaire e Verlaine.

Possa também sorrir do seu alto nimbo de glória o grande Euclides ao pequeno poeta, que lhe vem dizer a única prece de que é capaz: que lhe vem falar de poesia, da miraculosa poesia de *Os sertões*.

Bem analisada a minha intenção, talvez não seja ela, no fundo, senão mera vaidade: o gosto de descobrir num forte prosador um forte poeta, para me sentir orgulhoso do longínquo parentesco literário. Mas, perdoável vaidade, pelo tão pouco que é o devoto.



A vasta e autorizada bibliografia euclidiana parece haver já verroumado de todas as sondas todos os estratos e substratos da multiforme e coesa personalidade do mestre máximo do nosso nacionalismo. Já se estudaram, em Euclides, o homem, o militar, o matemático, o engenheiro, o explorador, o geógrafo, o historiador, o repórter, o sociólogo, o escritor, o estilista. Faltou o poeta. Não o poeta das *Ondas*, o caderno escolar das “primeiras poesias” daquela imperfeita florada dos quatorze anos: a idade crítica do espírito, a ingrata quadra que o próprio autor, em nota espontânea e consciente, aposta no frontispício do manuscrito, considera “fundamental para explicar a série de absurdos, que há nestas páginas”. Não esse poeta infante, que todos nós, brasileiros, o somos nesse dúbio momento de dupla puberdade; mas o poeta de *Os sertões*: o artista da poesia pura, não intencional, não resolvida, não premeditada, mas imposta ao homem por uma insuspeita consciência lírica do universo, por essa imprevisada substância poética que há nos seres e nas coisas e que, imperativa, reclama urgente expressão.

Dessa poesia legítima – obra de artista e não de artífice – está todo sublinhado e sublimado o grande livro, a que deveríamos chamar apenas “O Livro” com maiúscula, porque é ele, para o brasileiro, uma Bíblia, um Corão, um Talmud.

Não se diga ser essa uma poesia meramente casual. Foi no ápice da sua maturidade, quando já vingada, florida e frutificada a dura lavra de *Os sertões*, um ano antes da morte trágica, que Euclides da Cunha, em letra de fôrma, se confessou poeta. Foi, precisamente, a 30 de setembro de 1908, quando, prefaciando os imortais *Poemas e canções*, de Vicente de Carvalho, num misto de dúvida modesta e desconfiada antecipação, escreveu primeiro: “Aos que se surpreenderem de ver a prosa do engenheiro antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeantemente decisivo nesta profissão de números e diagramas”... E, corajosamente, revelou adiante: “... Quando nos vamos pelos sertões em fora, num reconhecimento penoso, verificamos, encantados, que só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os iluminados: olhos postos nos céus, contrafazendo a lira, que eles já não usam, com o sextante, que nos transmite a harmonia silenciosa das esferas, e seguindo no deserto, como os poetas seguem na existência... a ouvir estrelas”...

Mas era uma lira de poeta o sextante do engenheiro. Assim, nesse alheado encantamento, caminhou Euclides com o passo melódico dos párias musicais do Sonho. E essa marcha cantante fez cantar de poesia o chão bruto, brutaemente trilhado, de *Os sertões*.

Toda a verdadeira poesia, de quaisquer escolas e credos, em todas as suas muitas modalidades e com todos os seus muitíssimos fatores, está nitidamente fixada n’*Os sertões* que já de si são uma epopéia. Versos regulares de todos os matizes; todos os gêneros poéticos: o heróico, o lírico, o descritivo, o bucólico, o satírico, o epigramático; não importa que filigranas da ourivesaria poética, desde o capricho da onomatopéia simplesmente auditiva, ou os rebuscados arabescos das aliteraões, até os mais sutis desenhos do ritmo e da idéia e os mais inéditos achados da “imagerie” – versos, puros versos, poesia, pura poesia, é o que sempre salta, vivo, das páginas vívidas d’*Os sertões*. E isso, sem necessidade de acuradas pesquisas: mas a olhos vistos, à mais rudimentar observação.

“*Res, non verba.*” Pelo incisivo roteiro euclidiano, vou colhendo, página a página de “A Terra” e de “O Homem”, as flores de alvura que de passagem fez abotoar em milagre o luminoso viajor.

Alguns exemplos, primeiro, de verso regular, de métrica rigorosa.

Logo à página 4,¹ na firme descrição do fâcies geográfico do “hinterland” baiano, emerge este decassílabo de mestre:

“num ondear longínquo de chapadas”...

Propositadamente, o poeta evitou o ditongo no verbo “ondear”, contando três em vez de duas sílabas, recurso técnico para alongar o verso e, conseqüentemente, a perspectiva que ele descreve.

Na página seguinte, outro de igual medida:

“os recessos das matas opulentas”;

e este alexandrino ternário, rigorosamente cortado em três versos de quatro sílabas engrenados, sem elisões:

“o antagonismo permanente das montanhas”,

e que não se serve, para o corte, do fácil recurso das agudas divisórias, como o clássico ternário de Baudelaire:

“tu fais l’effet d’un beau vaisseau qui prend le large.”

ou o de Guerra Junqueiro:

“bebendo o sol, comendo o pó, mordendo a rocha.”

Mais dois decassílabos de alto quilate, à página 8:

“da antiga cordilheira desabada”,

¹ Os números de páginas, citados no presente trabalho, reportam-se à paginação da 17ª edição corrigida (1944), da Livraria Francisco Alves.

e este outro:

“a sociedade rude dos vaqueiros”...

Note-se um detalhe importante: – Todos esses versos citados são terminais de parágrafos: o que sugere, no autor, uma subconsciente vontade de versificador empenhado sempre em criar o valorizante “coup de théâtre” do fecho grandíloquo.

À página 10, descrevendo a “Terra ignota”, um decassílabo e um alexandrino seguidos imediatamente:

“o rabisco de um rio problemático
ou idealização de uma corda de serras”...

E, na página fronteira, este outro verso de dez sílabas:

“das camadas cretáceas, decompostas”.

Mais uma página voltada – e mais dois versos de métrica idêntica, separadas apenas por umas vinte linhas:

“a ossatura partida das montanhas”;
“a paragem sinistra e desolada”...

Mais dez linhas passadas, eis dois setissílabos seguidos, fechando um período:

“esparçando a tênue capa
das areias que o revestem”...

E, outras dez linhas abaixo, este decassílabo do mais rico e sugestivo colorido:

“o pardo requeimado das caatingas”...

É notável a preferência de Euclides pelo verso decassilábico. Há nisso, certo, uma imposição atávica, pois que essa de dez sílabas, é a medida nobre do verso português: a pauta uniforme d’*Os lusíadas*.

Facilmente, sem nenhum esforçado trabalho de pescador de pérolas, eis, surpreendidos, num folhear, apenas atento, d’*Os sertões*, perfeitos versos de métrica vária, que invejaria qualquer lapidário da nossa maior e melhor poesia:

“O aspecto atormentado da paisagem” (p. 15);
“numa trama vibrátil de centelhas” (p. 28);
“no expandir das colunas aquecidas” (p. 28);
“de tiros espaçados e soturnos” (p. 29);
“a imprimadura negra da tormenta” (p. 45);
“barbaramente estéreis, maravilhosamente exuberantes” (p. 50);
“O sertanejo é antes de tudo um forte” (p. 114);
“a fealdade típica dos fracos” (p. 114);
“os meandros das trilhas sertanejas” (p. 114);
“o de guerreiro antigo, exausto da refrega” (p. 118);
“visando-o pelo cano da espingarda” (p. 121);
“oculto no sombreado das tocaias” (p. 121);
“melancolicamente as notas do aboiado” (p. 127);
“e pelo passo tardo do profeta” (p. 181).

Na dantesca descrição do inferno de Canudos – toda ela um poema – surge esta estupenda parelha de decassílabos, como fecho propositado:

“gandaleiros de todos os matizes,
recidivos de todos os delitos” (p. 200).

Tão dominante é em Euclides, como em todo grande poeta, essa necessidade técnica da chave de oiro, que a derradeira linha d’*Os ser-*

tões, a última de “A Luta”, contém, na macabra descrição do cadáver do Conselheiro, um dos mais belos alexandrinos, jamais compostos em nossas letras, pela profundidade do fundo e pela formosura da forma. Este verso magistral:

“as linhas essenciais do crime e da loucura” (p. 613).

Mas, poesia não é apenas verso. Antes e acima da medida está o Ritmo, que é, como Deus, primeiro. Poesia é, essencialmente, Ritmo no sentir, no pensar e no dizer. Nem só de metro vive ela, como nem só de pão vive o homem. Vive, principalmente, de imagens, como, principalmente, vivemos de sonhos. A imagem é a luz que projeta o verso.

Pródigo de “imagerie” é o grande livro de Euclides. Vou juntar ao acaso, num ramilhete de estrelas, algumas das suas cintilantes imagens poéticas.

Descrevendo o clima cruel do sertão, o poeta arranca da esterilidade ambiente esta imagem fértil: “A terra irradia como um sol escuro” (p. 28).

No prodigioso desenho do sertanejo, definindo o vaqueiro identificado com seu cavalo, escreve: “Colado ao dorso deste, confundindo-se com ele, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco” (p. 116).

Fala do gibão do vaqueiro. E comenta: “Esta armadura, porém, de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poenta. Envolve ao combatente de uma batalha sem vitórias” (p. 119).

Na descrição do vulto do Conselheiro, esta fúlgida fagulha de imaginação: “Era truanesco e pavoroso. Imagine-se um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse” (p. 169).

Outra, satírica, uma página adiante: “Nunca mais olhou para uma mulher. Falava de costas mesmo às beatas velhas, feitas para amansarem sátiros” (p. 170).

Pintando Canudos: “A Tróia de taipa dos jagunços” (p. 183).

E concluindo o capítulo III de “A Luta”: “A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu, indomável. É um titã bronzeadado fazendo vacilar a marcha dos exércitos” (p. 244).



Muito falam os chamados “novos” da velha coisa que é o “verso livre”. Mas tão poucos o sabem praticar!

Ora, nesta prática do difícil verso livre — o verso que só existe enquanto a idéia existe, indo apenas até onde vai ela —, nessa prática perigosa, Euclides é mestre. Se certas passagens d’*Os sertões*, em vez de compostas tipograficamente em forma de prosa, o fossem em forma de versos livres, muito pasmaria o compilador de uma antologia da moderna poesia brasileira, topando com poemas autênticos, muito mais legítimos que os de muitos catalogados modernistas.

É tal trabalho tipográfico convidativa experiência a que não me sei furtar.

Eis, por exemplo, o fragmento de um poema que se intitularia:

A vaquejada

De repente estruge ao lado
um estrídulo tropel de cascos sobre pedras,
um estrépito de galhos estalando,
um estalar de chifres embatendo;
tufa nos ares, em novelos,
uma nuvem de pó;

rompe, a súbitas, na clareira,
 embolada, uma ponta de gado;
 e, logo após,
 sobre o cavalo que estaca esbarrado,
 o vaqueiro, teso nos estribos... (p. 126).

A essa espécie poética serve, como elemento plástico preponderante, o virtuosismo do “som imitativo”. Mas é, sobretudo, duas páginas adiante da que acabo de citar, que a onomatopéia e a aliteração atingem o seu máximo de força expressiva. É na monumental descrição do estouro da boiada:

Entrebatem-se, enredam-se, trançam-se e alteiam-se
 riscando vivamente o espaço,
 e inclinam-se, e embaralham-se milhares de chifres.
 Vibra uma trepidação no solo: e a boiada “estoura”...

 E lá se vão;
 não há mais contê-los ou alcançá-los.
 Acamam-se as caatingas,
 árvores dobradas, partidas, estalando em lascas e gravetos;
 desbordam de repente as baixadas num marulho de chifres;
 estrepitam, britando e esfarelando as pedras;
 torrentes de cascos pelos tombadores;
 rola surdamente pelos tabuleiros
 ruído soturno e longo de trovão longínquo...

Este último verso nada fica a dever à citada e recitada onomatopéia virgiliana:

“Insonuere cavae, gemitumque dedere cavernae”...

Menos sensorial do que essa orquestração audível, a fina onomatopéia do pensamento, comum nas páginas d’*Os sertões*, chega talvez

ao seu clímax nesta maravilhosa descrição física do asceta do sertão
– o Conselheiro:

Vinha do tirocínio brutal da fome,
da sede, das fadigas, das angústias recalçadas
e das misérias fundas.
Não tinha dores desconhecidas.
A epiderme seca rugava-se-lhe como uma coiraça
amolgada e rota sobre a carne morta.
Anestesiara-a com a própria dor;
macerara-a e sarara-a de cilícios mais duros que os buréis de esparto;
trouxera-a, de rojo, pelas pedras dos caminhos;
esturrara-a nos rescaldos das secas;
inteiriçara-a nos relentos frios;
adormecera-a nos transitórios repousos,
nos leitos dilacerantes das caatingas... (p. 166).



Mas... basta!

Já prestou o “jongleur” energúmeno o seu peito ingênuo e singular.

Simples anotador, nesta minha modesta profissão de fé na mística euclidiana, penso haver sublinhado, quanto baste à minha tímida iniciação, a transbordante e completa poesia d’*Os sertões*. Poesia tão abundante e contagiosa, que se extravasa sempre e se insinua ainda por toda esta santificada cidade paulista de São José do Rio Pardo. Cidade predestinada, que ficará, na História, como um símbolo da nossa História.

Nesta providencial encruzilhada encontram-se São Paulo e Euclides, para a perpetração do milagre. Só em terra paulista podia ser escrito *Os sertões*, porque de terra paulista partiram os magnos serto-

nistas. Simples e fatal fenômeno de devolução. Na lógica irredutível do *“nihil in intellectu quod non primus in sensu”*, foram os bandeirantes o sentimento do sertão, para que fosse Euclides a consciência do sertão. Fizeram os sertanistas enorme o Brasil, para que viesse, todo ele, resumir-se e caber, um dia, na paupérrima cabana de zinco e sarrafos, onde, como no presépio de Belém, foi o humilde Natal do livro excelso, vindo à luz do nosso sol enquanto duas margens de rio se davam as mãos, pela ponte de aço e pedra que o engenheiro armou, como dois oceanos se deram as mãos pelo continente de oiro e esmeralda que as “bandeiras” conquistaram.



Redoña que protege a
cabana onde Euclides da
Cunha escreveu *Os sertões*,
em São José do Rio
Pardo, São Paulo.

A paineira de Euclides

GUILHERME DE ALMEIDA

Sol – céu limpo – 37^o aniversário da morte de Euclides da Cunha: o dia é oiro sobre azul tarjado de luto.

É a coroação da Semana Euclidiana.

Vou pela rua regada, que leva à ponte. Desço os degraus altos de tijolo, até à margem ajardinada, mansa e verde na frescura das sombras. O rio corre espumado pelas pedras pretas e cortado de ioles que remam braços morenos folgando no feriado. Nos bancos, ao longo da beira folhuda, os pares de amor olham, perdidos, o líquido chamalote do remanso. Pela ponte, entre a cidade de terracota e o Cristo Redentor de cimento claro, passa o brilho de metal e verniz de um auto silencioso.

Quietude.

Atrás da redoma religiosa que guarda a relíquia – o santuário de concreto e vidro, emborcado sobre o sagrado barraco de zinco e sarrafos – uma velha paineira braceja. Já estoiram os gomos das suas cápsulas, soltando ao ar doirado o vôo nupcial dos flocos alvos e le-

Publicado no
Diário de S. Paulo.
Texto cedido
pela Casa
Guilherme de
Almeida – Rua
Macapá, 187 –
Perdizes – CEP
01251-080 –
São Paulo – SP.

ves. Chego-me bem ao seu tronco exageradamente grosso, emergindo, atlético, dos tentáculos do forte sistema radicular do polvo. E olho para cima. Não é um tronco de árvore: é um tronco humano. Uma cariátide hercúlea a que se alça, rigorosamente anatômica, em músculos distendidos; e, lá do alto, contra todas as leis vegetais, baixa de repente sobre a cabana histórica os seus braços olímpicos empolados de bíceps brutos de bronze.

Aquelas outras paineiras, ali em cima, à entrada da ponte, são árvores. Esta, aqui em baixo, é gente. Aquelas, vegetais, sobem pedindo bênçãos; esta, humana, baixa abençoando...

No seu simbólico e estupendo antropomorfismo, a predestinada paineira de Euclides é um encontro de dois dentre os três reinos da natureza. À sua sombra, um quarto reino se perpetrou: o espiritual.

Uma entrevista com Euclides da Cunha

VIRIATO CORREIA

Ali, em Copacabana, ao rumor das ondas, numa casa batida pelo vento do mar e de janelas abertas para o azul do oceano, é que Euclides da Cunha vive a sua existência extraordinária, do mais completo e do mais artista historiador brasileiro.

Uma tarde, em que à Rua do Ouvidor falávamos de livros e de arte, ele me bateu amigavelmente nos ombros:

– Vai um domingo lá em casa, que diabo! Conversamos, almoçamos e depois sairemos descalços a passear na praia.

Desde as primeiras páginas dos *Sertões* que eu comecei a ter pelo historiador de Canudos a mais cega e comovida admiração. Não era admiração apenas, era mais – adoração – adoração por aquele escritor, que, imprevisivelmente, surgia onipotente e supremo, para o espanto de uma língua e de uma raça, por aquele narrador de guerra que de tão alto se punha para historiar todos os problemas da luta, pelo artista ruidoso e formidável, que abria uns novos painéis de arte robusta e essencialmente nossa, pelo paisagista incomparável, evocador, como nenhum outro, gigantesca, resplandecente, como ninguém.

Entrevista publicada em 15 de agosto de 1909 – no nº 6 da *Ilustração Brasileira*. Viriato Correia (1884-1967) ocupou a Cadeira 32 da ABL. Diplomado em Direito, jornalista, contista, romancista, teatrólogo, autor de literatura infantil e crônicas históricas.

Foi num domingo que lá estive. Era sol e era azul. A casa estava com as janelas abertas para o vento do mar, rumorejante de alegria das ondas próximas, que, na areia, se esfarelavam, toda lavada do sol daquele domingo álaçre.

Euclides é um simples como nunca vi assim. Quem o encontra na rua, magro, o rosto carregado, numa profunda concentração, não acredita o que pode haver de alegre, carinhoso e desprendido, naquela alma. Quem devora as páginas rutilantes dos *Sertões* imagina que ali está um escritor de sossego e método e que a obra foi feita com o maior dos métodos e o mais regular dos sossegos.

Nada disse. Nem uma cousa nem outra. Euclides nunca se *assentou*. A sua vida tem sido uma vida errante, ora aqui, ora ali, numa comissão, noutra, as malas sempre prontas, os livros dentro das malas. Ora em Minas, em São Paulo, no Amazonas, no Acre, em Canudos; de lápis na mão, enchendo de algarismos os livrinhos de notas, como engenheiro.

Ao que ele conta, desde estudante que o seu sonho é pousar; ter uma vida pacata, a sua casa, tudo em ordem, os seus livros arrumadinhos, a hora certa de começar o trabalho, a hora certa de terminá-lo, e hora certa de acordar e dormir. E nunca teve. A sua existência tem sido revolta, sem assento em lugar nenhum, irregular, imprevista, incerta, nômade, uma hora aqui, outra onde o diabo perdeu as botas, sempre carregado de trabalho, trabalhando por noites além, um dia no costado de um cavalo, percorrendo sertões, outro medindo terras, outro suando, entre o fragor dos martelos, numa ponte que ele constrói. Um horror!

– Continuo a ser o estudante que era. Tudo à revelia.

Ao entrar-se em casa de Euclides, a gente fica à vontade. Não parece que se está em frente de um dos máximos prosadores de uma língua, mas sim de um rapaz amigo, de um velho camarada com quem se viveu larga quadra, de um companheiro que nos fala de suas

cousas como se fossem nossas, uma dessas criaturas que vão, logo à primeira vista, espavorindo a cerimônia, e a quem a gente se sente mal de dar até o tratamento de *senhor*.

E o que é curioso, o que mais ressalta e o que mais comove, é a profunda modéstia de Euclides. Isso de ele ser o mais completo dos nossos historiadores, o artista extraordinário, o escritor surpreendente, o paisagista formidável, isso, somos nós aqui fora que o dizemos. Ele é que não está convencido disso. A sua modéstia é orgânica. O *Sertões* para ele nada tem de extraordinário. É um livro como outro qualquer.

Aquelas páginas assombrosas, cheias daquele fragor e daquela comburência de frase, daqueles painéis faustosos, que nos fazem vibrar e arder de entusiasmo e de orgulho, para ele são páginas rasteiras, cobertas de defeitos. De defeitos!

– De defeitos, sim! confirma Euclides, muito espantado de ninguém ter dado por isso. Aqui estão eles. Na nova edição dos *Sertões* fiz seis mil emendas. Não se diga que sejam erros de revisão, são defeitos meus, só meus. – E mostrou-nos o livro, onde em cada página aparecem pelo menos três remendos.

– Hei de concertar isto por toda a vida. Até já nem abro os *Sertões* porque fico sempre atormentado, a encontrar imperfeições a cada passo.

É ao almoço, numa sala aberta para o mar enquanto o vento da praia agita os guardanapos, que Euclides me conta como escreveu os *Sertões*.

Estava por esse tempo em São José do Rio Pardo, reconstruindo uma ponte. Era um trabalhar sem conta, noite dia, ele ali a dirigir as obras, sempre à frente, no tumulto dos operários.

A ponte construída por outros engenheiros havia uma noite desabado desastrosamente e o governo de São Paulo convidara-o a reconstruí-la.

A obra era da mais alta responsabilidade, principalmente depois do desastre. Euclides, por amor próprio, em respeito à sua carta de engenheiro, estava sempre à testa de tudo. Morava numa casinha a dois passos das obras e passava os dias em cálculos, a lutar com os *xx* da matemática. Foi aí que lhe veio a idéia de escrever os *Sertões*.

Um livro daquele peso toda gente tem a impressão de que o seu autor escreveu-o cercado de volumes para consultar. Não foi assim. Euclides não tinha um livro consigo, nem uma história do Brasil, nem um volume de geologia. Nada.

Mas assim mesmo atirou-se. A todo o momento tinha que levantar-se, para ir ver a marcha do trabalho da ponte, que se ia erguendo; quando estava num trecho, desses com que os escritores se torturam e dão um pedaço de vida para acabá-lo, eis que um operário vinha chamá-lo para solver uma dificuldade. Apesar disso os *Sertões* iam caminhando. À tarde o juiz de direito, o presidente da Câmara Municipal, mais duas ou três pessoas de Rio Pardo, reuniam-se à casinha de Euclides, para ouvir o *folhetim*.

Ele lia então as tiras que havia escrito durante o dia. Dentre as pessoas que vinham ouvi-lo, havia um paulista conhecedor dos sertões; um desses talentos fulgurantes, estupendos que nunca são coisa alguma porque nunca entraram numa escola. Esse homem tinha cócegas de escritor. Tinha lá os seus versos, suas tiras de papel cheias de rascunhos literários. Euclides da Cunha falou que ia escrever o *estouro da boiada*, um dos quadros mais épicos e mais sinistros dos campos e matas brasileiras.

Nunca havia visto o *estouro*; sabia-o apenas por informação, por ouvir contar. O paulista vira diversos, estava “cansado de ver”, dizia ele.

— E se *seu* doutor quiser, *seu* doutor escreve, eu escrevo também e vamos ver quem é que faz mais perfeito.

Euclides teve, de veras, medo daquela proposta. Atirou-se à descrição, receoso de ser derrotado. No outro dia, à tarde, o matuto apresentou-se corajosamente, com as suas tiras de papel.

O juiz de direito, o presidente da Câmara, as duas ou três pessoas do Rio Pardo, esperavam o duelo.

– Leia!

– Leia o doutor primeiro!

Euclides leu. Leu aquela descrição incomparável, assombrosa, que nós todo conhecemos nos *Sertões*. E ao terminar voltou-se para o homem.

– Leia!

– Qual, nada *seu* doutor. Olhe ali.

No chão, as tiras do pobre homem estavam aos pedacinhos, esfrangalhadas.

– Eu vou então ler alguma coisa depois disso?! Não é possível que o senhor não tenha visto pelo menos cem *estouros de boiada*.

E no meio da barulhada infernal dos martelos, das traves de ferro, dos foles, os *Sertões* caminhavam.

Quando a ponte ficou concluída, o livro estava concluído também.

Ninguém sabia nesse tempo que Euclides era escritor. Ele apenas se havia mostrado no *Estado de S. Paulo*, numas crônicas ligeiras, com as iniciais. Tinha medo da publicidade. Mas resolveu-se a publicá-lo. O juiz de direito, o presidente da Câmara do Rio Pardo, o matuto do estouro, haviam-lhe dito que o livro era bom. Foi a São Paulo e levou-o ao *Estado*, para publicá-lo em folhetins.

O maço de tiras era enorme. Isso parece que espantou. Seis meses depois, ao voltar a São Paulo e ao subir à redação do *Estado*, lá encontrou num canto o seu embrulho de tiras, empoeirado. Pô-lo debaixo do braço e veio ao Rio de Janeiro. Não conhecia aqui nenhum escritor, a não ser Lúcio de Mendonça. Lúcio de Mendonça procu-

rou-lhe editor. O escritor era desconhecido e o volume de tiras assustava. Os editores torciam o nariz.

O Jornal do Commercio não quis a obra para folhetins.

Afinal o velho Masson, da casa Laemetr, depois de muito pensar e de muito vacilar, disse que ficava com o rolo de tiras.

Entra o livro no prelo. Meses depois Euclides, que por essa feita estava em Lorena, é chamado para vir ver a sua obra. Vem: ao chegar à Companhia Tipográfica, à Rua dos Inválidos, abrindo ao acaso um volume, lá encontra um *a* com uma crase intrusa, adiante uma vírgula demais, etc., etc. Ele estava nesse tempo atacado de uma neurastenia profunda. Aquela crase, aquela vírgula, aqueles outros erros, pareceram-lhe grandes blocos de pedra, que vinham atacar o seu nome. Que horror! E à ponta de canivete (parece mentira, mas é verdade) à ponta de canivete, em dois mil volumes, Euclides raspou oitenta erros. Foram cento e sessenta mil emendas!

Levou dias e dias nessa trabalheira gigantesca.

Os operários da tipografia estavam assombrados com aquilo. Ele passava os dias, as noites, curvado sobre os volumes, a raspar com a pontinha do canivete.

Só acabou na véspera da chegada do Barão do Rio Branco, em dezembro de 1902. O livro ia ser posto à venda no dia seguinte.

Um estranho pavor se apoderou de Euclides. Tinha certeza de que a obra ia ser um desastre. E pediu ao editor que retardasse a venda para daí a três ou quatro dias. E tocou-se para Lorena.

O seu pavor tinha crescido estupidamente, tanto que, chegando a Lorena à meia-noite, às três da manhã estava de viagem. Para onde? Sabia lá? O que ele queria era fugir, esconder-se no fim do mundo, não ver mais ninguém, rasgar o livro, não ter notícias do *desastre*. E andou oito dias a cavalo pelo interior de São Paulo sem destino. O que lhe passava pelo espírito era curioso: via-se inteiramente achataado, a sua reputação de engenheiro por terra, o seu nome espatifado nas crônicas dos jornais.

– Para que me fui meter eu nisso, senhores!

Ao chegar aos pousos do sertão, onde os sertanejos vinham recebê-lo ao terreiro, para hospedá-lo, as reflexões que lhe acudiam eram interessantes.

– Ora veja, dizia, estes homens me tinham em tão boa conta!

Ao fim de oito dias sentiu saudade da família. Do livro, não tinha a mais vaga notícia. Mas via-se servindo de troça nas rodas literárias da Rua do Ouvidor, o editor desesperado com a *buxa*, a mandá-lo para o inferno.

Chegou a Taubaté, de volta, empoeirado, à tarde. Depois da chegada do trem do Rio, seguia um expresso para Lorena. Enquanto esperava o expresso foi comer alguma cousa, no restaurante da estação.

Chega o trem do Rio. Uma multidão de passageiros salta e corre para o restaurante. Entre eles um homem alto, barbado, de guarda-pó e um livro debaixo do braço. Euclides tem um sacolejão. Se não se enganava tinha visto *Os sertões* sob o braço do homem. Parece que foi alguma mola que o fez levantar-se. Chegou-se ao tipo, sacudido de emoção.

– O senhor pode deixar-me ver esse livro? – O homem fitou-o, mediu-o e sério, desconfiado, de má vontade, estendeu-lhe mudamente o livro, sem largá-lo.

Era mesmo o *Os sertões*.

– Obrigado.

O seu desejo foi atirar-se ao sujeito e abraçá-lo. Mas voltou para a sua mesa. E pôs-se a pensar e repensar. O livro estaria fazendo sucesso? Teria sido bem sucedido? Os jornais o que estariam dizendo? E a figura do passageiro de guarda-pó surgia-lhe à imaginação. Aquele sujeito não tinha cara de gostar de ler. Se estava lendo seu livro é porque estava gostando. E estaria mesmo? Quem sabia se aquilo não era apenas ostentação, vaidade de mostrar-se aos outros passageiros do trem como leitor de um livro grosso! Podia ser! Mas como foi que ele comprou o livro? O volume custava dez mil réis.

Só se dão dez cruzeiros por um livro, quando se sabe, ou se ouve dizer, que esse livro é bom.

Se aquele homem comprou, podia ser que aquilo fosse um amigo ou pelos jornais. Mas, e porque ouviu dizer ou por um presente. Podia. E o sujeito estaria gostando. Se ele não estivesse, ao saltar do trem para tomar um refresco na estação, deixaria o volume no seu banco. Se o trouxe debaixo do braço era porque o livro lhe era precioso. Mas também podia ser que fizesse aquilo para que lho não roubassem. Mas um livro mau, ninguém se importa que carreguem com ele.

E nesse torturar de espírito, Euclides chegou a Lorena. Esperavam-lhe jornais e cartas. Cartas do editor. Do editor havia duas. Abriu uma ao acaso, por felicidade. Por felicidade, era a segunda! Nessa carta, o editor dizia que estava assombrado com a venda do livro e que em oito dias estava quase esgotado um milheiro: contava-lhe do sucesso, das críticas dos jornais, do barulho que a obra estava fazendo.

A outra carta, a primeira, era esmagadora. O editor confessava-se-lhe redondamente arrependido de tê-lo editado, dizia que não havia vendido um único volume e mais: que sendo cada volume pelo preço de dez cruzeiros, mandara oferecer aos *sebos* da Rua São José, por cinco, e nem um só aceitara.

– Se eu tivesse lido essa carta em primeiro lugar, parece que morreria – conclui Euclides, sorrindo.

É essa a história ingênua da obra máxima da nossa literatura.

A profunda modéstia de Euclides é orgânica.

Com a publicação dos *Sertões* quem mais se espantou foi ele. Nós nos espantamos de ver que a nossa raça já tinha um escritor, que atingira ao mais alto grau de perfeição.

Ele se espantou ao saber que esse escritor era ele.

Carta a Francisco Alves

MANUEL PACHECO LEÃO

Paris, 4 de Outubro de 1913.

Amigo Sr. Alves:

Confirmo a minha carta de ontem. Hoje escrevo para dizer-lhe que li o estudo do Sílvio Romero sobre Euclides da Cunha e estou com a vontade de não o mandar publicar. Pedimos a ele uma cousa e ele fez outra; quis dar para baixo na obra de Euclides, mas não teve coragem, mas aproveitou para fazer reclame da sua própria pessoa.

Sobre o que eu queria e achava que era indispensável, nada fez. Não podemos apresentar ao público uma nova edição do – *Os sertões* – com grandes diferenças, sem dizer por que o fazemos. Fiz aqui uma Advertência e aproveitei estar com o Afrânio Peixoto para mostrar-lhe, fazendo ele então a redação.

O retrato que daí trouxe nada deu; disse ao Aillaud que pedisse ao Lello o que ele tem. Quando o recebemos verificamos que o Belmiro

havia feito a cabeça do Euclides por esse mesmo retrato. Assim foi fácil aqui endireitar o que trouxe e vamos ter retrato diferente do livro do Lello. Há qualquer cousa na carta do Belmiro sobre a reprodução, que não me lembro muito bem, acho que ele exige que se declare que o retrato foi feito por ele. Vou mandar a V. provas não só da Advertência dos Editores como também do trabalho do Sílvio. Aqui deixo nota para resposta por telegrama. O livro está todo pronto e só faltam os dois prefácios e a gravura. Assim logo que eu chegar ao Rio verificarei o que quer o Belmiro,¹ passarei ao Aillaud um telegrama e a edição poderá partir logo.

Disse-me o Dr. Afrânio Peixoto que a Academia de Letras deu ao Sílvio Romero cem ou cento e cinqüenta mil réis pelo artigo; o homem comeu por dois carrinhos.

Vou mandar tirar à parte mais exemplares da Advertência dos Editores² – para servir de anúncio da obra.

De saúde vamos indo bem; aqui há dois dias que faz mau tempo, frio e muito úmido.

Saudações a Madame Alves e um saudoso abraço do amigo muito grato.

Manuel Pacheco Leão.

1. Cf. retrato de Euclides da Cunha reproduzido nesta revista, p. 194.

2. Cf. fac-símile da Advertência, nesta revista, à p. 99.

PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n. 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Evandro Lins e Silva
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	Rachel de Queiroz
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Raymundo Faoro
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Sergio Corrêa da Costa
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Antonio Olinto
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Celso Furtado
12	França Júnior	Urbano Duarte	Dom Lucas Moreira Neves
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Miguel Reale
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Pe. Fernando Bastos de Ávila
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Sílvio Romero	Affonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Marcos Almir Madeira
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Roberto Campos
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Zélia Gattai Amado
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Oscar Dias Corrêa
29	Martins Pena	Artur Azevedo	Josué Montello
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Geraldo França de Lima
32	Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Roberto Marinho
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10.5/16 PT.

